

SOBRE CONSERVADORISMO E PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Poucas pessoas sabem, mas possuímos um relógio que a cada ano indica a possibilidade do apocalipse. O relógio nuclear, conhecido como *Doomsday Clock* ou Relógio do Apocalipse foi idealizado no ano de 1947 por um grupo de cientistas que consideravam a possibilidade do fim do mundo devido ao estado de crise global. O nível de perigo para o mundo é representado pela imagem de um relógio cujo ponteiro das horas encontra-se situado à meia-noite, movendo-se o ponteiro dos minutos consoante à percepção das causas de risco para a humanidade. O relógio foi iniciado em sete minutos para meia-noite.

No ano de 1953, o relógio nuclear esteve a dois minutos da meia-noite. O mais próximo do Apocalipse que a humanidade já havia estado até então. O mundo encontrava-se diante de sucessivos testes de armas nucleares coordenados pelos Estados Unidos e pela União Soviética, o que trouxe implicações para toda a comunidade global. Foram anos de perigo iminente durante o período da Guerra Fria até que, em 1991, dois anos após a queda do Muro de Berlim, o ponteiro dos minutos retrocedeu, situando-se nos 17 minutos para a meia-noite.

Nos últimos anos, o ponteiro do relógio havia permanecido fixado entre três e dois minutos e meio antes da meia-noite. Mas, o *Bulletin of the Atomic Scientists* (Boletim dos Cientistas Atômicos) declarou que o perigo de desastre global seria maior em 2018 e, por isso, decidiu mover o marcador 30 segundos para a frente. Desde então, retornamos àquela hora de 1953 e vivemos momentos de imensa gravidade para a humanidade. Além disso, vale ressaltar que nos anos de 2020 e 2021 ampliamos a perspectiva de iminente perigo para a preservação da vida na Terra o que fez o ponteiro do relógio passar a indicar 100 segundos para meia-noite.

De certa maneira, pode-se dizer que as crises políticas fomentadas por uma lógica de poder conservadora e a ausência de diplomacia têm colaborado para o significativo aumento da crise mundial nos últimos anos. Os comentários perturbadores sobre o uso e proliferação de armas nucleares feitos por Donald Trump, bem como a descrença no consenso científico sobre as mudanças climáticas expressa por ele, e por vários dos nomeados para o seu gabinete, assim como o fortalecimento de movimentos nacionalistas em todo o mundo, foram fatores responsáveis pela decisão de alteração da posição do ponteiro do relógio em 2018.

Atualmente, a aproximação do ponteiro do relógio da hora do fim do mundo se deve, sobretudo, à crise sanitária causada pela pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2); à corrupção persistente da esfera da informação da qual dependem a democracia e a tomada de decisões públicas; às informações falsas e enganosas disseminadas na internet, incluindo a deturpação da gravidade da doença Covid-19; à promoção de remédios falsos e à politização de medidas de proteção de baixo custo, como máscaras faciais, dentre outros fatores.

De acordo com Mecklin (2021), se faz urgente elaborar parcerias de colaboração técnica entre governos, empresas de tecnologia de comunicação, especialistas acadêmicos e organizações midiáticas na busca por soluções que combatam de maneira prática e ética a desinformação por meio das mídias digitais, porquanto o desprezo cego pela ciência e a adoção em larga escala do absurdo da conspiração - muitas vezes impulsionado por figuras políticas e mídias partidárias tem potencializado o medo, a irresponsabilidade e a morte. Faltam agora cem segundos para meia-noite. O mais perto que o relógio já esteve do Apocalipse, desde sua criação.

Essa metáfora visual do perigo de uma destruição deliberada do planeta está, portanto, associada a alguns fatores que se relacionam com a dimensão das estruturas culturais e políticas dos países, ou seja, é um recorte que indica o comprometimento global das maiores representações políticas do mundo. Por isso, a disputa armamentista no campo nuclear é um fenômeno importante para se compreender a alteração dos ponteiros, mas também deve-se considerar alguns outros fatores como determinantes para a nossa proximidade do fim do mundo, tal como: a crise política e econômica; a corrupção tecnológica e o tráfico de informações de cidadãos; o desemprego/instabilidade social; as inúmeras manifestações de xenofobia; o conservadorismo e as discriminações de variados matizes estimuladas por perspectivas políticas.

Depreende-se que a alteração do ponteiro do relógio está relacionada com as condições sociais, a partir das quais orientamos nossas próprias vidas. O relógio é a metáfora da qualidade das nossas relações sociais, cuja história recente tem apontado um panorama estruturado por crises e conflitos conservadores. Um exemplo notável de que vamos mal pôde ser observado nos violentos episódios ocorridos na cidade universitária de Charlottesville (2017), nos Estados Unidos, onde manifestantes nacionalistas se reuniram para protestar em um ato contra negros, imigrantes, gays e judeus.

O grupo, segundo Senra (2017), iniciou o ato com o objetivo de expressar sua não concordância em relação à remoção da estátua do general Robert E. Lee das forças da Confederação na cidade. É sabido que durante a Guerra Civil do país (1861-1865), os Estados Confederados buscaram a independência para impedir a abolição da escravatura. Por isso, atualmente, várias cidades americanas vêm retirando homenagens a militares confederados dos espaços públicos: o que tem gerado uma crise baseada em alívio, de um lado e fúria, do outro. Durante o protesto, os manifestantes apresentaram palavras de ordem contra minorias étnicas, estrangeiros e homossexuais; realizaram saudações nazistas e empunharam o lema “Vidas Brancas Importam” em contraposição ao movimento negro *Black Lives Matter*.

Na Europa, pôde-se perceber, igualmente, uma grande intensificação dos movimentos nacionalistas xenófobos, sobretudo, após a crise migratória. No início do ano de 2018, o Alto-Comissário da ONU para os Direitos Humanos, Zeid Ra’ad Al-Husseini, apresentou-se alarmado com a expansão do discurso racista e de incitamento ao ódio no continente. Em um de seus discursos, Al-Husseini se referiu ao primeiro-ministro húngaro, Viktor Orban, como um dos políticos xenófobos e racistas que estão destituídos de qualquer sentimento de vergonha. Orban havia declarado, alguns dias antes, que não gostaria que a sua cor [de pele] se misturasse com outras. Após ouvir as declarações de Zeid Ra’ad Al-Husseini contrariou-se e afirmou que a Hungria é um país húngaro e que pretendia mantê-la assim, como é de direito. Segundo Le Figaro (2018), Al-Husseini teria ainda declarado que “*la migration est quelque chose de dangereux*” (a migração é algo perigoso) e alegado que a chegada de um grande número de migrantes ao continente no ano de 2015 havia permitido às organizações terroristas enviar os seus combatentes para a Europa.

No Brasil, observou-se a ascensão do prestígio de partidos e candidatos de extrema-direita, sobretudo, depois do início da grave crise política-econômica-midiática pela qual passamos com o golpe à presidenta Dilma Rousseff. Às vésperas das eleições presidenciais de 2018, o candidato que liderava as pesquisas de opinião Jair Bolsonaro se tornou um dos principais atores políticos nas redes sociais, que encontrou uma maneira de alcançar o eleitorado jovem brasileiro, a maior parte dos seus eleitores são jovens entre 16 e 24 anos. Jair Bolsonaro foi eleito presidente do Brasil e é criticado por possuir um perfil xenofóbico, racista, sexista, homofóbico e genocida, tal qual atestam muitas de suas declarações.

A crise econômica pode ser apreendida como um elemento comum da emergência do populismo de direita extremista nesses três cenários; afinal, a partir de um panorama de crise financeira o discurso nacional-populista, contra os impactos negativos da globalização e da abertura econômica e geopolítica, tende a crescer e a se intensificar. Com isso, emergem as ideologias conservadoras e o conservadorismo em nossas relações, fomentando e fortalecendo manifestações e narrativas xenofóbicas, homofóbicas, sexistas e racistas ao redor do mundo.

A raiz ideológica do conservadorismo é o pensamento de Edmund Burke. Em sua obra conhecida como *Reflexões sobre a Revolução na França* (2014), o autor expõe uma forma de pensar a revolução a partir de uma perspectiva que aproxima suas reflexões de um manifesto político e econômico da aristocracia, onde a revolução não é associada a um processo de transformação social, mas sim a uma crise decadente e degradante através da qual a ordem estabelecida é destruída e as tradições são rebaixadas.

A ideia do novo e da transformação na perspectiva burkeana é observada com horror e desprezo. Em seus escritos, percebe-se que os revolucionários são associados à imagem de agitadores e imprudentes, homens desrespeitosos com relação à tradição herdada. Burke identifica a ideia da igualdade como uma utopia e defende o paradigma de que a divisão da sociedade em classes e a desigualdade social compõem um quadro de hierarquia e ordenamento correspondentes à natureza. Por derivação, tal quadro é interpretado como perene, insuperável e imutável e, nesse contexto, a luta pela igualdade seria uma espécie de atentado contra a ordem divina.

Assim, o conservadorismo clássico, em sua gênese pós-1789, constituiu-se como sistema de ideias e posições políticas marcadamente antimodernas, antirrepublicanas e antiliberais. Em síntese: antiburguesas. É possível caracterizá-lo como uma reação aos avanços da modernidade. De acordo com Souza (2015), é nesse contexto que estão situadas as formulações de Edmund Burke (1729-1797), Joseph de Maistre (1753-1821), Klemens Von Metternich (1773-1859), Benjamim Disraeli (1804- 1881) e Alexis de Tocqueville (1805-1859).

A partir da década de 1910 até 1960-70 seria admissível supor um período de formação do pensamento conservador moderno. Nesse momento, segundo Souza (2015), o conservadorismo elabora uma concepção de mundo que encastela o significado ontológico do tempo presente, esvaziando-o do devir histórico. Realiza-se, então, um encastelamento através, de um lado, da blindagem do presente em relação às “utopias” revolucionárias, que desejam transformar radicalmente a sociedade vigente e, de outro lado, projetando-se contrários às “utopias” reacionárias, aferradas que são às formas do passado.

O conservadorismo moderno, desse modo, acredita estar se movendo em bases “progressistas”, uma vez que rejeita, equalizando, tanto as “utopias” revolucionárias, quanto reacionárias, ambas concebidas, pejorativamente, como idealizações potencialmente “totalitárias”. O conservadorismo moderno cancela a possibilidade de construção de qualquer projeto societário alternativo à sociabilidade vigente. Esse cancelamento é apoiado com o argumento de que não é adequado ou prudente sacrificarmos o presente por incertas transformações revolucionárias.

Em um artigo intitulado *Conservadorismo e Extrema Direita na Europa e no Brasil*, Löwy (2015) levanta pontos importantes para se pensar a onda de conservadorismo que afeta o mundo e suas instituições. De acordo com o autor, alguns fatores encontram-se relacionados no estabelecimento do conservadorismo moderno: i) o processo de globalização capitalista neoliberal, também um poderoso processo de homogeneização cultural forçada, que produz e reproduz, em escala planetária, os *identity panic*; ii) o histórico da colonização de determinados países e a conjuntura da crise; iii) o fenômeno do populismo adotado pelos partidos extremistas e o fato da esquerda, de modo geral, não ter se preparado de modo adequado para o embate contra uma nova modalidade de pensamentos nacionalistas e conservadores.

Essa onda conservadora que avança por todos os lados em formato de discursos, que buscam manter o presente como o conhecemos, sem utopias que fomentem transformações, possui uma abrangência política, econômica, religiosa, étnica, social, sexual e, muitas vezes, artística. Afinal, o conservadorismo tem por premissa controlar e impedir as inovações. E, por isso, quando tratamos das relações entre conservadorismo e arte, a ambiência de controle dos discursos e a regulação das práticas se torna um ato de censura cultural e de violação e ataque contra o artista e seu direito de criar, conceber, organizar, fantasiar, imaginar; em suma, de fazer artes.

Segundo Miranda (2017), a censura e a perseguição aos artistas cresceram 119% ao redor do mundo em 2016. Em seu artigo sobre as violações documentadas contra os artistas ao redor do mundo, o autor descreve o caso de Amjad Sabri, jovem de 39 anos que era um fenômeno em seu país, o Paquistão. Filho de um popular músico paquistanês, Sabri era ídolo de um gênero conhecido como qawwali, um estilo do sul asiático surgido há mais de 700 anos, cujos cantos, geralmente, exaltam o amor e a devoção a Deus. Trata-se de uma expressão musical do sufismo, a corrente mística do Islã e Sabri era o seu mais querido representante.

Em 22 de junho de 2016, Sabri foi convidado a participar de um programa matinal numa TV paquistanesa para levar consigo seu qawwali. Ele falou, recitou versos e cantou. A letra de sua última música gravada na TV dizia: “Quando eu tremer na minha tumba escura, caro Profeta, olhe por mim”. Sabri, então, deixou o estúdio em direção a outro programa de TV, para mais uma gravação. No caminho, dois homens numa moto fecharam seu carro e atiraram contra o músico. Depois, o crime foi reivindicado pelos radicais do Talibã, para quem as músicas de amor e paz significavam uma blasfêmia contra o Islã.

De acordo com o relatório anual organizado pela Freemuse (organização criada em 1998 na Dinamarca e que integra a consultoria do Conselho Econômico e Social da ONU, desde o ano de 2012) que identifica casos de repressão artística, em 2016 houve 1028 casos registrados de violações contra artistas, dentre os quais três casos de artistas assassinados em consequência de sua arte (os outros dois eram do Iraque e Burundi). Essas 1.028 violações de 2016 indicam um crescimento de 119% em relação a 2015 (469 violações) e de 337% em relação a 2014 (quando foram registradas 237 violações).

Além dos três artistas assassinados em decorrência de seus trabalhos, em 2016 foram registrados dois sequestros, 16 ataques, 84 prisões, 43 ações judiciais, 40 perseguições ou ameaças e 840 atos de censura praticados por governos. O país com o maior índice de violações foi a Ucrânia, com o anúncio da proibição de 544 filmes e séries, a maioria deles de origem russa, banidos em decorrência dos conflitos políticos entre os dois países.

O líder em violações graves (mortes, sequestros e ameaças) foi o Irã, com 30 casos, entre esses a prisão de 19 artistas por ordem do governo. (O Irã ficou em segundo em 2015, atrás da China). A maioria das acusações são contra músicos iranianos, e envolvem termos como “insulto ao sagrado”, “propaganda contra o Estado” e “disseminação de depravação”.

Infelizmente, nos últimos anos, o Brasil apresentou inúmeros casos de perseguição aos artistas e às suas produções. Variadas manifestações conservadoras levaram a agressão de músicos no metrô, fecharam as portas de exposições, conduziram artistas ao encarceramento e vampirizaram pensamentos progressistas apresentando-os a partir de uma perspectiva moralista como processos desenvolvidos por indivíduos vagabundos, promíscuos, pervertidos e, algumas vezes, adjetivados como pedófilos.

Percebe-se, portanto, que as representações artísticas têm sido alvos da onda de intolerância e conservadorismo que ataca o país e o mundo. Um grande exemplo da história recente foi o cancelamento da exposição *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, no Santander Cultural, em Porto Alegre, no dia 10 de setembro de 2017. Com foco temático em diversidade sexual, a mostra reunia 270 trabalhos de 85 artistas que abordavam a temática LGBT e questões de gênero. De acordo com Sperb (2017), a exposição foi suspensa após protestos nas redes sociais liderados pelo Movimento Brasil Livre (MBL). A queixa era de que as obras que compunham a exposição faziam apologia à pedofilia e à zoofilia.

De início, diante da forte repercussão repentina, o Santander esclareceu, por meio de nota, que algumas imagens da mostra poderiam provocar um sentimento contrário daquilo que discutem. No entanto, elas tinham sido criadas para nos fazer refletir sobre os desafios que devemos enfrentar em relação a questões de gênero, diversidade, violência, dentre outros. Dois dias depois, entretanto, o banco voltou atrás e cedeu às pressões dos críticos com medo de que um forte boicote prejudicasse a imagem da instituição financeira. O Santander Cultural pediu desculpas a todos os que se sentiram ofendidos por alguma obra que fazia parte da mostra e resolveu encerrar a exposição. A decisão do banco, porém, foi bastante criticada pela classe artística que definiu o ato como censura.

Outros episódios posteriores levam-nos a crer que as manifestações artísticas e culturais se tornaram um alvo comum para os ataques das ações conservadoras. No Mato Grosso do Sul, por exemplo, a artista mineira Alessandra Cunha conhecida pela alcunha de Ropre, se viu julgada em praça pública no ano de 2017, após deputados ao aproveitarem-se das polêmicas envolvendo o *Queermuseu*, em Porto Alegre, aplicarem a mesma lógica da censura no Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul, que expunha com exclusividade a exposição da artista.

Segundo Sanchez (2017), a exposição intitulada *Cadafalso*, como referência ao local onde eram julgadas e queimadas as mulheres acusadas de bruxaria pela Inquisição Católica, na Idade Média, pretendia discutir questões relacionadas ao machismo e era constituída por um conjunto de obras que tinham o interesse de desdobrar as críticas sociais sobre o tema. Uma das obras chamava-se *Pedofilia*.

O evento se tornou caso policial, o quadro foi apreendido e, além disso, a artista e a curadora da exposição foram denunciadas, publicamente, por apologia à pedofilia através da ação de alguns deputados que envolveram a Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente na exposição. Em ambas as exposições, as obras foram extraídas de seu contexto de produção. Uma extração que faz a exposição perder sentido como um todo.

Nas artes da cena, pôde-se observar como um evento notável a proibição da peça *Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu*, minutos antes da estreia, no SESC Jundiaí, em São Paulo no ano de 2017. O espetáculo é uma mistura de monólogo e contação de histórias e traz Jesus representado por uma mulher transgênero. A peça é apresentada como uma narração das histórias bíblicas a partir de uma perspectiva contemporânea, propondo uma reflexão sobre a opressão e intolerância sofridas por transgêneros e minorias, em geral. Na sinopse do espetáculo constata-se que a peça provoca reflexão ao expor determinados problemas sociais ao mesmo tempo em que emite uma mensagem de amor, perdão e aceitação. A apresentação foi cancelada devido a uma liminar concedida pelo juiz Luiz Antônio de Campos Junior, da primeira Vara Cível e requerida pela advogada Virginia Bossonaro Rampin Paiva.

Na liminar que barrou a exibição da apresentação, dentre inúmeras alegações do Juiz, são notáveis alguns juízos de valores e preconceitos, uma vez que o magistrado não assistiu o conteúdo da peça. O juiz argumenta que:

[...] referida exibição vai de encontro à dignidade cristã, posto apresentar JESUS CRISTO como um transgênero, expondo ao ridículo os símbolos como a cruz e a religiosidade que ela representa. [...].

Desse cenário extrai-se, portanto, que [...], muito embora o Brasil seja um Estado Laico, não é menos verdadeiro o fato de se obstar que figuras religiosas e até mesmo sagradas sejam expostas ao ridículo, além de ser uma peça de indiscutível mau gosto e desrespeitosa ao extremo, inclusive.

De fato, não se olvide da crença religiosa em nosso Estado, que tem JESUS CRISTO como o filho de DEUS, e em se permitindo uma peça em que este HOMEM SAGRADO seja encenado como um travesti, a toda evidência, caracteriza-se ofensa a um sem número de pessoas. Não se trata aqui de imposição a uma crença e nem tampouco a uma religiosidade.

Cuida-se na verdade de impedir um ato desrespeitoso e de extremo mau gosto, que certamente maculará o sentimento do cidadão comum, avesso à esse estado de coisa [...]. Não se olvida a liberdade de expressão, em referência no caso específico, a arte, mas o que não pode ser tolerado é o desrespeito a uma crença, a uma religião, enfim, a uma figura venerada no mundo inteiro. (CAMPOS JUNIOR, 2017: 18-20 p.).

Do exposto, pode-se depreender a influência da religião dominante sobre aspectos relacionados a direitos básicos e constitucionais. Esse contexto de interdição, portanto, com relação às obras artísticas aponta para a existência de um ataque às perspectivas mais progressistas e, ideologicamente, associadas ao compromisso do desenvolvimento social. O que se pode apreender é que, de um modo geral, a política conservadora e a cosmovisão das religiões hegemônicas encontram-se associadas à opressão e à censura.

Desse modo, apesar de reconhecermos que um artista é livre para criar, devemos ponderar sobre o que se pode mostrar tendo em vista as fortes campanhas e petições nas mídias sociais contra os artistas. A liberdade se torna, portanto, ambígua e contraditória. Afinal, os artistas possuem demandas materiais e temem perder patrocínios de empresas ou de governos caso se envolvam nesses tipos de polêmicas.

Outra performance que foi alvo das medidas conservadoras foi *La Bête*, performance do coreógrafo Wagner Schwartz. Em seu trabalho, o performer manipula uma réplica de plástico de uma das esculturas da série *Bichos* (1960), de Lygia Clark. O objeto permite a articulação das diferentes partes do seu corpo através de suas dobradiças e instiga o público a participar. A obra foi apresentada no Museu de Arte Moderna de São Paulo em 2017 e, desde então, tornou-se o epicentro de uma guerra de narrativas.

Na performance *La Bête*, Wagner se encontra nu no espaço e a intenção é que as pessoas se aproximem, observem e interajam com ele. Nada de outro mundo. Entretanto, o que causou polêmica foi a presença de uma menina que estava acompanhada da mãe. Na ocasião, o artista estaria deitado de barriga para cima e teria sido tocado na canela e nos pés pela criança.

A associação feita entre o corpo do performer completamente nu e o toque de uma criança no artista dividiu opiniões nas redes sociais. Os apologistas defendiam a ideia de liberdade e de possibilidades para a criação. Os outros levantavam problemas relacionados à pedofilia. A crise se estabeleceu de uma tal maneira nos discursos que nos aproximamos de uma ideia que parecia o fim da arte com marcadores apontando para cem segundos antes da meia-noite.

Segundo Lakoff e Johnson apud Katz (2010), o modo como nós estruturamos categorias de entendimento no mundo não é matéria da mente. Os autores partem da hipótese de que o corpo como um todo está integrado no processo de formulação de conceitos: aquilo que vivemos, sentimos e percebemos organizam nossas ideias sobre a vida. A razão seria própria do corpo: um modo de organizar a experiência e delimitar nossas relações com os contextos vividos. Nesse sentido, o que se pode perceber no panorama dessas polêmicas sobre a arte e o corpo é a disputa de ideias que atravessam as corporeidades.

De um lado, percebe-se um corpo que demanda mais policiamento, mais castrações, mais segurança. Um corpo de ideias aliado ao discurso conservador que limita o potencial criativo da arte e inibe os outros corpos. Um corpo de associações regulatórias que visa a desestruturação das utopias oníricas e criativas. Do outro, apreende-se um corpo que grita por maiores possibilidades, mais liberdade. Uma corporeidade baseada em narrativas revolucionárias. Um campo de ideias libertárias que buscam a implementação da fantasia e da emancipação.

Conforme Katz (2010), nada mais escapa da regulação que atua na nossa subjetividade, no nosso inconsciente, na nossa sexualidade, sonhos, desejos, amores ou percepções. A autora explica que ocorre uma atuação difusa dos mecanismos reguladores, porquanto, diferentemente do tempo em que Foucault escrevia sobre os corpos disciplinados pelas instituições, atualmente, somos nós – e não mais apenas as instituições – os agentes da docilização.

Com efeito, o que se vem constatando no panorama social brasileiro é que há um modo não de conscientizar a população sobre problemáticas reais. Mas, uma estratégia de silenciar discussões e, com isso, ao invés de se combater uma política de crimes, demoniza-se e persegue-se aqueles que provocam discussões importantes: os artistas. O que se pretende é cercear todo ato de pensar (e criar) que multiplique os pontos de vista sobre o mundo e a vida e que delineiem as visibilidades da ignorância e da obscuridade: um estado de docilidade que se circunscreve não apenas às atividades institucionais e políticas, mas também às ações individuais.

Fomos nós quem aproximamos o relógio dos cem segundos para a meia-noite. Nossa arte encontra-se diante de um anúncio apocalíptico estruturado por nossas intenções reguladoras e conservadoras. Se desejarmos, portanto, vivermos em um mundo com arte, faz-se necessário devolver às intenções artísticas aquilo que destrói as ambiências de censura e medo: a sua liberdade.

REFERÊNCIAS

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução na França**. Tradução José Miguel Nanni Soares. São Paulo: Edipro, 2014.

CAMPOS JUNIOR, Luiz Antonio de. Decisão. In.: **TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO/COMARCA DE JUNDIAÍ / SP. 1ª VARA CÍVEL**, p. 18-20, 2017.

KATZ, Helena. O papel do corpo na transformação da política em biopolítica. In.: *O Corpo em Crise*. GREINER, Christine, p. 121-132. São Paulo, Annablume, 2010.

LE FIGARO. **La Hongrie réclame la démission du Haut-Commissaire de l'ONU aux droits de l'homme**, Paris, 26 fev. 2018. Disponível em: <http://www.lefigaro.fr/flash-actu/2018/02/26/97001-20180226FILWWW00170-la-hongrie-reclame-la-demission-du-haut-commissaire-de-l-onu-aux-droits-de-l-homme.php>. Acesso em: 22 jul. 2018.

LOWY, Michael. Conservadorismo e Extrema Direita na Europa e no Brasil. In.: **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015

MECKLIN, John (edit.). This is your COVID wake-up call: It is 100 seconds to midnight In.: **Bulletin of the Atomic Scientists**. Chicago, 2021.

MIRANDA, André. Censura e perseguição a artistas cresceram 119% no mundo em 2016. **O Globo**, Rio de Janeiro, 08 fev. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/censura-perseguiçao-artistas-cresceram-119-no-mundo-em-2016-20888485>. Acesso em: 22 jul. 2018.

SANCHEZ, Isabela. Artista tentou combater o machismo e a pedofilia, mas foi julgada no Cadafalso. **Campo Grande News**, 14 set. 2017. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/artista-tentou-combater-o-machismo-e-a-pedofilia-mas-foi-julgada-no-cadafalso> . Acesso em: 29 jul. 2018.

SENRA, Ricardo. 'Sou nazista, sim': o protesto da extrema-direita dos EUA contra negros, imigrantes, gays e judeus. **BBC Brasil**, 12 ago. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40910927>. Acesso em 22 jul. 2018.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. O Conservadorismo Moderno: Esboço para uma Aproximação. **Serv. Soc. Soc.** [online]. 2015, n.122, pp.199-223.

SPERB, Paula. Veja imagens da exposição cancelada pelo Santander, no RS. **Veja**, 13 set. 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/rio-grande-do-sul/veja-imagens-da-exposicao-cancelada-pelo-santander-no-rs/> . Acesso em: 29 jul. 2018.